

A ESPERA

Ilan Brenman

Resenha

Já faz dias que Dadá espera ansiosa, perto da porta, a volta de seu melhor amigo. A cada vez que a maçaneta gira, porém, a cadelinha descobre, frustrada e surpresa, que o humano com quem vive não é quem abre a porta. No momento em que alguém que ela reconhece traz consigo uma camisa de flanela com o cheiro daquele de quem Dadá sente tanta falta, a cadela começa a compreender que seu companheiro humano talvez nunca mais retorne. Por algum tempo, ela mal consegue comer e se recusa a brincar e a passear, preocupando sua nova dona. É apenas quando ela passa a conviver com um menino pequeno que as coisas mudam: algo naquele pequeno ser lembra o dono que ela tanto amava, e Dadá começa a recuperar a sua energia.

Em *A espera*, Ilan Brenman trata do tema da morte e da ausência com delicadeza, a partir do ponto de vista de um animal de estimação. Ainda que não seja abordado diretamente, os detalhes da história dão pistas daquilo que ocorreu – o choro do homem que vem trazer a camisa de flanela e o abraço entre dois



Coordenação:
Maria José Nóbrega

personagens em uma das ilustrações. De qualquer forma, ao ater-se ao ponto de vista de Dadá, o autor cria uma narrativa sutil e terna que aborda, de maneira bastante concreta, o sentimento da falta e da angústia provocados pela espera e pela ausência: não é necessário saber detalhes a respeito de quem teria sido o dono de Dadá, o que importa são os sentimentos desencadeados por uma separação abrupta.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Antes de convidar meus filhos para a leitura, eu já sabia que o tema do livro *A espera* era a morte, mas, como de costume, não adiantei nenhuma informação para eles. Por se tratar de um assunto difícil, fiz questão de escolher um momento que me pareceu mais adequado para a leitura. Preferi chamá-los durante a tarde, num domingo ensolarado, para que pudessem espantar a tristeza num passeio ou brincadeira qualquer, antes de ir para a cama, caso fosse necessário.

No nosso dia a dia, não falamos sobre a morte. Quando falamos, ela é muitas vezes genérica, distante, como a conta de quantas pessoas morreram de Covid-19 ou num certo acidente. Mesmo nesses casos, meu marido e eu nos esforçamos para evitar o tema perto das crianças, como uma forma de protegê-las, para que não se preocupem demais com o assunto. Portanto, era tudo novidade para mim também. Não tinha ideia de qual reação elas teriam.

Logo na capa, meus filhos viram um cãozinho da mesma cor do nosso. Bastou isso para quererem

seguir a história. Cachorros reais ou da ficção despertam uma empatia instantânea neles. Sabiam que veriam um cão à espera do dono, e entendem como os bichinhos ficam felizes com o retorno dos humanos, pois todo dia acontece o mesmo com eles próprios quando voltam de algum compromisso na rua.

Mas por que essa felicidade não veio logo, deixando a pobre Dadá à espera? A primeira hipótese que lançaram: estão dando uma festa no apartamento. Depois, veio outra ideia: venderam a casa com o cachorro dentro. Foi só quando meu filho mais velho viu na ilustração que o cheiro do dono vinha da sacola e, nessa cena havia um abraço triste, com a cabeça de um personagem enfiada no ombro outro, que ele se deu conta do motivo de tanta espera. "O dono morreu", ele disse.

A imagem foi essencial para que decifrasse a história. A partir daí, os dois ficaram empenhados em descobrir quem eram aquelas pessoas. Voltaram ao início, checaram todos os porta-retratos e chegaram a conclusões sobre os laços familiares entre o dono da Dadá e as outras pessoas mostradas. Voltando as páginas, minha filha reparou que na ilustração que pareceu, inicialmente, uma festa



havia alguém com um lençinho na mão. Da primeira vez nem repararam, mas agora ela tinha certeza de que já tinha choro na “festa”.

Ilustrações e texto fazem muitas menções aos sentidos e à expressão corporal, como nas descrições dos movimentos da cadelinha. Sem saber falar, os animais demonstram muito do que sentem por suas ações. Mas vale a pena pensar que nós, humanos, quando passamos por alguma situação em que as palavras nos escapam, também usamos nosso corpo para falar. Alguém que está triste tem um jeito de agir diferente, não é mesmo?

O bebezinho conquistou Dadá e também meus filhotes. Adoraram vê-lo na caminha da cadela, e lembramos, com muito bom humor, que meu filho já fez algo parecido quando era bebê. Também lembraram do primo mais novo, um bebezinho de dois anos que fala pelos cotovelos, mesmo que nem sempre a gente entenda o que ele está falando.

Ao final, perguntei se acharam o livro triste. Meu filho disse: “Um pouco”, mas minha filha achou que não, porque no final a Dadá ficou bem e, para ela, era isso que importava. Os dois nunca perderam ninguém próximo e imagino que os sentimentos e

reflexões seriam muito diferentes se a realidade da nossa família fosse outra. Ainda assim, me pareceu uma boa conclusão para o que sabem sobre a morte até agora. Ela pode até trazer tristeza e muita confusão – nem sempre é fácil entender que a pessoa que a gente ama realmente não vai voltar. Mas o importante é que, no final, a gente consiga ficar bem.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum*

(Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.bibliotecailanbrenman>.

Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A cicatriz*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A menina que amava futebol*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A vida de Fernanda*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mãenhê!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mudanças*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O estranho dia de Luísa*. São Paulo: Moderna.

- ✦ *Pai, posso dormir na sua cama?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Pai, quem inventou?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quero nascer de novo!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Toinhonhoim e a força dos cabelos encaracolados*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *A avó amarela*, de Júlia Medeiros e Elisa Carreto. São Paulo: Ôzé.
- ✦ *O mistério do coelho pensante*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✦ *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mari e as coisas da vida*, de Tine Mortier. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *Pode chorar, coração, mas fique inteiro*, de Glenn Ringtved. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

